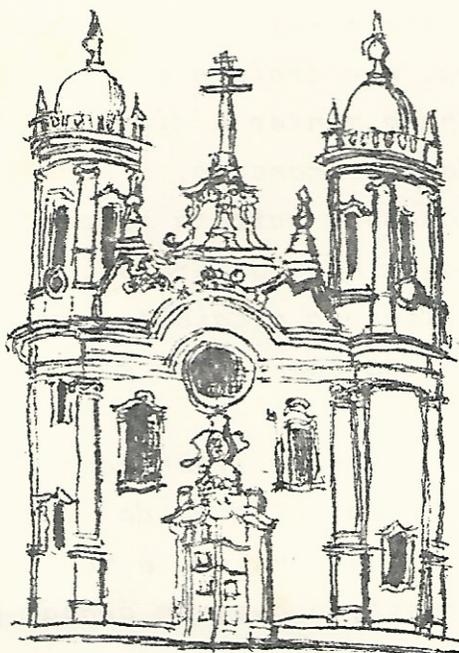




Rio, Mai/Jun/1985 - Ano XXIV - Nº 88

A Fala do Trono



IGREJA S FRANCISCO DE ASSIS DOS JOÃO DEL REY

Manifestou, a Diretoria da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, na Ata da sua última Reunião realizada a 17 de Abril, sob a direção do Sr. Presidente Prof. Durval Lobo, a sua profunda consternação pelo agravamento, que já se configurava irreversível, do estado de saúde do Senhor Presidente da República, o Dr. Tancredo Neves, quando, então, o Vice-Presidente de nossa Associação, Nestor de Oliveira, citou, com emoção, as próprias palavras de Deus, na Bíblia, dirigidas a Moisés, no seu 5º Livro, o Deuteronômio, quando lhe disse sobre as alturas do Monte Nebo e à vista da Terra Prometida:

(*) A pedido do A. o Prof. Paulo Santos fez a bela vinheta da Igreja. V. fotografia em "Arquitetura Religiosa no Brasil" - G. Bazin. Sup. Trad. M. Barata.

"Tu a vistes com os teus olhos, mas nela não entrarás".

Quis o Presidente da Associação, o Prof. Durval Lobo, que este voto de pesar, transcrito em Ata, fosse desenvolvido, já agora após dar-se o falecimento do Presidente Eleito, em uma forma de apreciação mais ampla, para ser publicada no Boletim da Associação, na "FALA DO TRONO", a ser redigida, também determinou o Prof. Durval Lobo, pelo Vice-Presidente da Associação, razão das linhas que se seguem, em aditamento àquele voto.

Desgraçadamente, para todos nós, brasileiros, verificou-se, uma vez mais, o fatídico vaticínio bíblico de nossa tradição religiosa judaico-cristã, com o falecimento do futuro Presidente da República, a poucas horas de sua posse, na história data de 21 de Abril, em meio imenso martírio, suportado com resignação cristã pelo cidadão que fora escolhido pela vontade unânime de nossos patriotas, que, neste brasileiro, encarnavam o orgulho de nossa jovem democracia e a esperança moral da Nação.

Quis o destino adverso, que, somente depois de morto, fosse dado ao Brasil inteiro, ver, por uma só e única vez, o brasileiro eleito e referendado pelo clamor unísono da Praça pública como seu presidente, portando a faixa presidencial, em seu es-

quife funerário, ser conduzido rampa acima do Palácio do Planalto, entre alas perfiladas da guarda imperial dos dragões da independência, com as suas lanças abatidas, ao toque de clarins, movendo-se, o cortejo da urna funerária em marcha lenta e pausada, nos ombros de soldados das três armas, sob a continência da tropa em posição de sentido e ao som do hino nacional, tendo, ao fundo, reverente, a multidão silenciosa — em um espetáculo de imponente dignidade e grandiosa beleza cívica.

Demasiado Tarde? Não, não o foi. Também no Congresso de Filadélfia, em 1775, antes portanto, da Revolução Francesa, quando, pela primeira vez, na história política do mundo, um grupo de homens tentava, desesperadamente, unir em uma carta declaratória dos direitos do cidadão, um grupo desunido, de diminutas treze colônias — pequenas, pobres, desunidas e contraditórias nos seus interesses locais —, não lhes foi necessário, a este pequeno grupo de homens, liderados por Thomas Jefferson, subsistir muito para ver realizado o seu ideal, que deve ter excedido às suas expectativas, pois que, na realidade, estavam, mesmo sem o saberem, fazendo nascer uma grande e poderosa nação.

Assim também, o árduo trabalho de Tancredo Neves, que percorreu o Brasil em todos os sentidos, para restaurar o poder político-civil do País, após mais de 20 anos de interregno, não foi baldado e o seu sacrifício pessoal deu-lhe uma tão sólida, que sua obra pode iniciar-se pelo fim de sua vida, e perdurarã, como a do Congresso de Filadélfia,

que já ultrapassa os duzentos anos.

As imensas homenagens, em sua maioria espontâneas e oriundas do próprio povo que desfilou indormido, em filas inumeráveis, pelas noites e madrugadas, adentro, acabisbaixo e contristado, diante do seu féretro, tendo ao lado a sua esposa, Da. Risoleta Tolentino Neves, brasileira, de antiga estirpe, que permaneceu digna e serena em uma aparente calma, que traía o seu profundo pesar, para manter a dignidade e a solenidade do momento, à semelhança de uma austera matrona romana, como Cornélia, a mãe dos Gracos, cujos filhos, Tiberio e Caio, também pereceram por causas nobres e inovadoras. (*)

Há na longa, trabalhosa e tumultuada vida política de Tancredo Neves, algo que muito o identifica com o Brasil, o que, em grande parte, justifica os imensos tributos que lhe foram prestados pelo País, explicáveis na identidade da figura mineira do Presidente, dentro do próprio rincão natal, onde viveu e nele foi sepultado, todo ele muito entrelaçado à terra brasileira, o que lhe confere um definido e marcante traço de brasilidade. Citamos, apenas, alguns de seus pronunciamentos ao acaso e que diagnosticam o que se afirmou;

"Busquemos a reconciliação nacional, sem repressão, sem ódios, sem vinditas e sem medo, mas feita na compreensão e na tolerância" (Entêrrro de João Goulart, 1976)

"As nossas forças armadas precisam saber que são parte mínima da nação, não podem governá-la,

(*) Irmãos Gracos, ambos assassinados, em defesa de uma reforma no estatuto da terra (Roma, 202 A.C.)

mas têm de ser governadas por ela" (Declaração no Município de Cláudio - Dezº 1978)

"Esse período de transição do autoritarismo para a democracia, vai reclamar de todos, muita prudência, muita clarividência, muita criatividade, mas, sobretudo, muita vigilância cívica" (Campanha de 1984)

Realmente, estava o Presidente falecido, intimamente vinculado, pelas suas origens, às próprias raízes da nacionalidade, não só pelas suas qualidades pessoais, tão ao feitio da nossa gente, pelo avesso ao autoritarismo, antes propenso à transigência e conciliação, renúncia ao ódio e à vingança, misto de brandura e bondade, porém sem abrir mão da austeridade, e também, sabendo ser firme quando a razão ou o momento o exigisse, qualidades que formou a base do caráter do brasileiro médio, de par com a visão de estadista que lhe era inerente, e cujos atributos lhe advieram da sua vinculação à terra das suas amadas montanhas da Serra do Espinhaço, nas Minas Gerais, tão longe do mar, terra que foi a herdeira direta da epopeia dos Bandeirantes, que, enérgicos e determinados, provindos da então longínqua Taubaté de S. Paulo, que, então, com Minas e Rio de Janeiro constituíam uma só província —, lançaram os alicerces da que seria a São João de El Rey, fruto do seu ingente trabalho de desbravadores do sertão e cujo nome, que lhe deram, sintetizava a sua devoção religiosa e a sua dedicação a seu rei, D. João V.

Nascia, assim, abrigada entre

montanhas, a modesta vila de taípa de pilão, e ruas declinadas da que seria, logo após achadas as primeiras pepitas de ouro, em meio à canção de seus rios, a faustosa S. João del Rey, de ricos sobradões coloniais, com balcões rendilhados de gelósias e gradis de ferro batido, de inconfundível beleza — como ainda os exibe o Solar dos Neves, ex-morada do Presidente que homenageamos, guarnecido, e mobilado por pesados móveis de jacarandá, remontando muitas vezes, até o artesanato escravo.

E também as Igrejas! Soberbas na sua arte barrôca, com altares folheados a ouro e tetos abobadados de madeira, a mór das vezes exibindo pinturas sacras de artistas anônimos, igrejas com frontarias e portadas de artísticos ornatos, em uma composição que, liberta do academismo do barroco europeu, assume a feição autenticamente nacional do belíssimo barroco mineiro, que não encontra paralelo no mundo em inspiração e beleza; igrejas que, tradicionalmente, abrigavam o seu cemitériozinho que lhe era contíguo, e onde descansavam, no seu sono eterno, os irmãos da ordem, ou da irmandade, sob a guarda tutelar do seu Santo Protetor, tal como ocorre com esta Igreja de S. Francisco de Assis, estupenda obra de arte sacra do mestiço Aleijadinho, a cuja sombra repousa, como irmão-ministro jubilado e devoto de seu Santo, na campa 84, modesta e singela, o Presidente que os brasileiros escolheram mas que lhes foi arrebatado no instante exato da sua unção e cujo número de campa 84, fica como um testemunho mudo da sua última campanha política pelo restabelecimento do poder civil.

Foi aí, neste ambiente cercado de igrejas seculares, situadas em cimos de elevações, onde se chega por ruas tortuosas e empedradas, de seixos rolados e da canga ferruginosa da laura de seus rios, quando neles se garimpava o ouro e cujos torreões de suas igrejas se recortam sôbre os horizontes crepusculares dos céus auri-rubros, reclinando-se sôbre a Serrania escura do Espinhaço, inesquecíveis crepúsculos desta S. João, quando os seus "sinos roucos de velhice anunciam, nas quebradas da tarde, alegrias e tristezas desde o alvorecer do século dezessete"; (*) foi aí, neste ambiente, tendo ao longe, no horizonte enevoadado, a serrania verde-musgo, em uma orquestração cambiante de luz e sombra — espetáculo tão belo e tão tocante, como todos vimos, pelos extremos que o compõem: luz que é vida, sombra, que é morte — foi aí nesta terra, que retrata a história politico-religiosa da própria nacionalidade, que se enterrou, na modesta campa 84, sob a proteção de seu querido S. Francisco de Assis — que por ele zelará eternamente —, o presidente de todos os brasileiros, sem nenhuma exceção, pois que de todos soube ele buscar, com habilidade política, o seu consenso, em uma unanimidade impressionante, prometendo-lhes, competência e austeridade na sua ação administrativa, que restabeleceria o respeito e a dignidade cívica da Nação, e a recuperação de suas finanças degradadas.

Neste cenário que teve, em Tancredo Neves, um autêntico filho telúrico destas trágicas montanhas,

que agasalham, entre vales e morros escavados, o casario da cidade adormecida, acochegada entre sobradões e igrejas, dormindo um sono que já vem de dois séculos, desde que se extinguiu o ouro, que lhe deu vida, beleza, arte, tradição, história e nacionalidade, é que, inspirando-nos em Rachel de Queiroz, poderíamos ainda dizer — poeticamente, em uma homenagem evocativa ao Presidente morto, que tanto amava esta terra, tão autenticamente brasileira, a que se lhe vinculara, de tal sorte, que ele era como que uma vetusta árvore, com suas raízes solidamente implantadas na terra e que subitamente tombou —, poderíamos assim dizer, repetimos, em uma:

Evocação:

"E te sentirás em completa solidão nestas alturas e filho de uma idade muito moderna em oposição a toda aquela antiguidade e toda aquela aspereza e passarás a admirar os homens de há dois séculos, que invadiram aquela serrania agreste e a limpavam de todo o seu ouro e trabalharam e lutaram e amaram — legando-nos a inesquecível passagem lírica de Marília e Dirceu, e rebelaram-se contra o seu rei —, despedaçados e expatriados no drama da Inconfidência, e, depois de terem impresso na terra uma pegada tão funda, separaram-se tranquilamente e foram embora, deixando atrás de si a quele cenário vazio, com as luzes apagadas, os figurantes dispersos..."

Nestor de Oliveira

(*) V. Arquitetura Religiosa em Ouro Preto (onde há um levantamento de Igreja de S. Francisco de Assis - de S. João del Rey - feito pelo Autor Paulo F. Santos)

A FEBRAE ALERTA PARA AS CONSEQUEN-
CIAS DO DECRETO 90.922

Do Presidente da FEBRAE - Federação Brasileira de Associações de Engenheiros recebeu a A³P carta solicitando dar conhecimento ao quadro social da situação criada com o Decreto nº 90.922, publicado no Diário Oficial de 7 de janeiro p. passado, pelo qual são concedidas, ao técnico de grau médio, atribuições específicas dos engenheiros, arquitetos e agrônomos.

Por telex, o Presidente da FEBRAE protestou perante o ex-Presidente da República, expressando sua decepção ao tomar conhecimento do texto de Decreto 90.922 que, "a pretexto de regulamentar o exercício profissional dos técnicos de grau médio, vem subverter toda hierarquia profissional no país concedendo a jovens mal egressos do nível médio, atribuições que deviam ser privativas dos profissionais de nível superior, que as adquiriram após quatro ou mais anos de árduos estudos em Universidades". Afirmou ainda: "Lamentamos profundamente que os engenheiros, arquitetos e agrônomos tenham que recordar o governo de Vossa Excelência como aquele que fez retroagir o exercício profissional a 1930, época em que pontificavam os práticos e curiosos na execução de projetos e obras de engenharia, arquitetura e agronomia".

Eis a carta circular recebida da FEBRAE:

Senhor Presidente

No diário oficial de 7 de fevereiro do corrente, pág. 2194, vem publicado o Decreto 90.922, que regulamenta a lei nº 5.524 que se re-

fere aos técnicos de grau médio. Como pode o colega constatar pela simples leitura do referido decreto, são concedidas ao técnico de grau médio atribuições específicas dos engenheiros, arquitetos e agrônomos. Por mais de quatro anos a FEBRAE e demais entidades de classe vinham travando uma luta incansável para que não se perpetuasse tal incongruência.

Fomos, lamentavelmente, derrotados. No apagar das luzes do presente Governo, levado, não sabemos por qual tipo de interesse, conseguiu o Ministro do Trabalho que o Presidente da República aprovasse o regulamento tal como proposto pelos técnicos de grau médio. Desde o princípio sabíamos que este era o propósito pessoal do Ministro. De nada adiantaram os pareceres contrários do Ministério da Educação, do Legislativo, das Entidades de Classe, das Universidades, dos profissionais e dos estudantes.

Está subvertida toda a hierarquia profissional.

Cabe-nos agora, além de apresentar o nosso veemente protesto, procurar, no próximo Governo, modificar tal situação em defesa de nossas profissões e do País.

A FEBRAE já telegrafou ao Presidente da República e ao Ministro do Trabalho (cópias anexas) emitindo o seu protesto.

Está preparando exposição de motivos para apresentar à nova equipe de Governo as razões de nossa repulsa ao referido decreto.

Solicitamos ao caro colega dar conhecimento ao quadro social dessa entidade da presente situação e es-

peramos que, na forma que melhor lhe parecer, junte o protesto de sua entidade ao nosso e nos acompanhe nos esforços que se estão iniciando para

derrubar tal violência contra o exercício de nossas profissões.

Cordialmente,
Wilson Ribeiro Gonçalves
Presidente

HISTÓRIA DA ENGENHARIA NO BRASIL

Recentemente, foi publicado o primeiro volume do trabalho do colega, engº Pedro C. da Silva Telles, intitulado "HISTÓRIA DA ENGENHARIA NO BRASIL", abrangendo a história até o final do século passado. Essa obra, já se encontra a venda nas principais livrarias.

No momento, o colega pesquisador e escritor, está dando continuidade ao seu trabalho, isto é, à história da nossa engenharia neste século, até aproximadamente 1940. O autor ainda considera que essa fase da história, embora seja mais recente, é bem mais difícil de ser escrita, porque é muito maior o número de fatos, de personalidades e, também, de ramos de nossa profissão que ela envolve.

Diante disso, o colega está fazendo um pedido aos demais colegas para que levem ao seu conhecimento quaisquer fatos que possam interessar a esse importante trabalho. Qualquer colaboração é válida: dados e informações sobre obras, projetos e

estudos (mesmos os não realizados), principalmente quando forem importantes ou quando representarem pioneirismos ou desafios, personalidades destacadas em qualquer aspecto da engenharia, material iconográfico de qualquer tipo, bem como, quaisquer indicações de referências bibliográficas, etc, tudo isso referente também ao ensino da engenharia. São, igualmente, importantes e muito bem aceitos, fatos curiosos e pitorescos e anedotas envolvendo a engenharia ou a figura do engenheiro que poderão ser entremeados na história para torná-la mais amena.

Lembra o escritor que, o autor de qualquer colaboração, por pequena que possa parecer, terá o seu nome na lista dos agradecimentos do livro.

Os contatos com o engº Pedro C. da Silva Telles poderão ser feitos pelo tel. 226-0726 ou através do seguinte endereço: Rua Bambina, 135 Cep. 22251, Rio de Janeiro, RJ.

COLEGA, CONTINUA À VENDA EM NOSSA SEDES SOCIAL E ADMINISTRATIVA A INTERESSANTE OBRA DO PROF. PAULO PARDAL "MEMÓRIAS DA ESCOLA POLITÉCNICA", REPLETA DE TEXTOS DE LIMA BARRETO; SÖTER; BASTOS TIGRE E OUTROS RENOMADOS EX-ALUNOS DE NOSSA ESCOLA NO INÍCIO DO SÉCULO

SEAERJ COMPLETA 50 ANOS

A Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro, mas que congrega também agrônomos e geólogos do Município e do Estado do Rio de Janeiro, completará no próximo dia 19 de julho o seu cinquentenário de fundação.

Ao fazer um retrospecto da instituição fundada em 1935, o Presidente da SEAERJ, Eng^o Afonso Canedo afirma que "fazemos parte de uma sociedade sólida, consolidada perante os meios técnicos e a opinião pública pelos constantes serviços prestados à Sociedade e à População na qual se integra naturalmente".

"Com a denominação atual de SEAERJ, por força da fusão dos ex-Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, em 1975, prosseguimos o nosso destino até os dias de hoje, congregando 2000 politécnicos e especialistas dos mais diversos campos de atuação, dentro dos mais variados setores do Serviço Público, a participar intensamente dos projetos e planos do Governo, colaborando, esclarecendo, alertando, detalhando, criticando, protestando, ensinando, intrometendo-se, às vezes agressivamente, mas sempre, persistentemente e movidos pelos mais elevados propósitos de bem servir, visando o desenvolvimento de nossa Cidade e do nosso Estado, o progresso em harmonia com o meio ambiente, a qualidade de vida e o bem estar social".

Afonso Canedo diz que conquistas de toda ordem foram marcantes para a entidade, tanto no plano material - de que é exemplo a sua atual sede, criada na gestão do Eng^o Gilberto Morand Paixão (1969/1971) -

quanto no plano do bem-estar dos associados. Hoje contam com seguro de vida em grupo; seguro coletivo de automóveis; consórcio para aquisição de automóveis; Boletim Informativo mensal; boletim "Agora", para comunicados urgentes e de interesse da classe e a "Revista SEAERJ".

A SEAERJ surgiu nos anos 30, sendo uma das mais antigas entidades de classe do País. São dessa época os movimentos de valorização dos engenheiros como classe e da engenharia como base do desenvolvimento do Brasil.

Em 1935, sendo seu primeiro Presidente o Eng^o Edson Passos e Vice, o Eng^o Arnaldo Silva Monteiro Junior (também o seu Presidente de 1943 a 1945), a entidade surgiu como SEP - Sociedade dos Engenheiros da Prefeitura do Distrito Federal, sendo 85 os seus fundadores.

A partir de 1960, com a criação do novo Estado da Guanabara, passa a denominar-se SEAEG - Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos da Guanabara e, finalmente, desde 1975, com a fusão, SEAERJ.

Compatível com a nova estrutura administrativa e política, a SEAERJ amplia também a sua atuação. Deixa de ser uma entidade cuja atuação se limitava à área urbana da então cidade-estado do Rio de Janeiro, para atender, tecnicamente, a todos os municípios do Estado do Rio de Janeiro, grupados segundo os seus problemas iguais.

Assim, está em curso o "Programa de Integração SEAERJ", que já reuniu em seminários para debater os problemas em busca de soluções, as cidades serranas de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo.

Com a mesma filosofia, a SEAERJ, através dos seus associados, levará soluções às Prefeituras que dela precisar, seja em questões de saneamento básico (água, esgoto e drenagem), seja em questões de encostas, desenvolvimento urbano, agropecuária e transportes, entre outras.

A A³P sente-se feliz em fazer o registro dos 50 anos da SEAERJ, entidade de passado repleto de realizações e prestação de serviço, não só à nossa cidade do Rio de Janeiro e, agora, integrada ao Estado para mais servir.

REFORMULAÇÃO DA LEI Nº 5.194/66

A FEBRAE está distribuindo a todas as Entidades filiadas o Relatório elaborado pela Comissão da FEBRAE encarregada de apurar e sintetizar os Relatórios dos 6 Encontros Regionais e os votos de cada uma das Entidades que a eles compareceram, do que destacamos:

"A Comissão foi integrada por representantes de cada uma das cinco áreas de engenharia, a saber: Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica, de Minas e Metalúrgica".

"As modificações que os engenheiros propõem à lei que regulamenta o exercício de sua profissão são no sentido de atualizar os meios legais, gerando maior força jurídica aos profissionais no desempenho de suas funções sociais, e não apenas individuais".

"A atual estrutura do "sistema" CONFEA/CREAs e sua maneira de operar têm dado escassos benefícios à classe. Esse "sistema", que vive ex-

clusivamente da contribuição dos profissionais e das suas empresas, bem instalado e bem suprido, contrasta com as associações de classe, de modo geral lutando com dificuldades financeiras, instaladas em modestas sedes ou vivendo de favor, mas que, na realidade, constituem o ponto de apoio dos profissionais".

O Relatório prossegue mostrando em quatro seções, os pontos considerados básicos:

- I - Abrangência de Legislação
- II - Forma de Representação
- III - Regime de Eleições
- IV - Tipo de Fiscalização

que estão, minuciosamente, analisadas e questionadas.

Por se tratar de um trabalho profundo e de interesse de todos os profissionais, recomendamos sua leitura integral àqueles que se interessarem pelo assunto; o Relatório é encontrado na Secretaria de sua Entidade.

NOTA DA REDAÇÃO

Na última edição do Boletim, relativa ao bimestre março/abril, constou, por lapso, como sendo o número 86, quando, efetivamente, corresponde ao número 87, retificação que se solicita aos caros leitores a gentileza de considerar.

CALENDÁRIO DOS SÓCIOS ANIVERSARIANTES

Aos caros consócios, aniversariantes neste bimestre, nossos calorosos e apertados abraços, acompanhados dos melhores votos de plena felicidade.

MÊS DE MAIO

- | | |
|---|--|
| 01- Durval Coutinho Lobo (33)
227-2880 | 17- Fernando da Fonseca Martins (58)
294-5295 |
| - Edson dos Santos Bana (70)
393-3763 | 18- Leon Ejzemberg (58) 239-9268 |
| - Paulo Vieira Bellotti (54) | 19- Mario Araujo Arruda Albuquerque
(47) 296-1900 |
| - Benedicto Celestino Veiros Fer-
reira (35) 294-3833 | - Valdir Coimbra de Bittencout
Cotrim (39) 226-2266 |
| - William Paulo Maciel (49)
259-3181 | 20- Antonio Alves de Noronha Filho
(53) 256-6227 |
| 02- Abel Henriques de Figueiredo
(48) 234-5286 | - Hildegardo Bentes Fortunato (41)
23-4630 Belém-PA |
| 05- Israel Benjamin Rochlin (55)
239-1966 | - José Bragança Pinheiro (56) |
| 06- Jesse Cortines Peixoto (40)
711-0152 | - Sylvio Couto Prado (30) 227-8478 |
| 07- Reinaldo Rodrigues de Carvalho
(42) 236-5319 | - Tércio de Souto Costa (35)
274-1713 |
| 08- Manoel Vieira Assumpção (65)
258-3391 | 21- Amaury Martins de Araujo (46)
257-9175 |
| 09- Paulo Cezar Assed (67) 227-6712 | 24- Hélio Colonna dos Santos (44)
225-8116 |
| - Paulo Sergio de Moraes Leite
(67) 392-0597 | - Mario Penna Bhering (45)
221-2636 Belo Horizonte-MG |
| 10- Antonio de Vasconcelos (46)
70-9282 São Paulo-SP | 25- Armando Klabin (55) 225-3618 |
| - Felix Ernest Stefan Von Ranke
(46) 242-9260 | - Necker Carvalho de Camargos (55)
1246 São Paulo-SP |
| 11- Emilio Claudio Lemme (55)
264-6837 | - Walcondiney Pereira Nunes (66)
551-9204 |
| - Mariana Salvador Correia de Oli-
veira (46) 259-3217 | 26- Fernando Sarto (52) 551-0935 |
| - João Canellas Pires de Mello
(58) 266-6777 | - Ronaldo Oberlaender Tibau Bit-
tencourt (58) |
| 12- Elazar David Levy (46) 247-2512 | 27- Frank Schaeffer (43) 267-6601 |
| - José Eduardo Pimentel (50) | - Gilberto Morand Paixão (54)
322-4149 |
| 13- Akiba Schectman (50) 245-4766 | 28- Darc Francisco da Costa (46)
551-9725 |
| - Jayme Kreimer (61) 294-4614 | - Joberto Macedo Pimentel (52)
259-3612 |
| 14- José Maria de Oliveira Villela
(55) 399-0649 | 29- Alberto Pucheu (28) 225-0515 |
| 15- Adolf Goldberg (50) 287-6101 | 30- Fernando de Almeida (48)
246-3077 |
| 16- Aurelio Moreira da Silva (65)
249-9947 | - Fernando Monteiro de Moraes (69).
248-1727 |
| - Décio de Oliveira Araujo (56)
243-2319 | 31- Israel Blajberg (68) 268-2210 e
288-5160 |

MÊS DE JUNHO

- 01- Zeferino Martins de Oliveira (66) 246-7403
 02- Salo Brand (30) 265-1026
 05- Aguinaldo Barbosa Romero (68) 249-8495
 06- Heitor Lisboa de Araujo Costa (46) 225-9274
 - Luiz Ghitnick (55) 551-5608
 07- Antonio Manoel de Siqueira Cavalcanti (35) 551-3868
 - Aroldo Batista Guimarães (55) 265-6637
 08- Antonio Carlos Barbosa Teixeira (50) 205-1480
 - Walter Hart (75) 227-3811
 - Zegert Johannes de Rooij (43) 722-4346
 09- Ary Jayme Ferreira (62) 235-1665
 - Carlos Henrique Correa Poppe de Figueiredo (58) 294-0934
 - Luiz Ribeiro Soares (27) 227-6503
 - Rodolpho Luiz Darigo (55) 223-1760
 10- Maurício Joppert da Silva (15) 257-9233
 11- Jorge Luiz Barroso Antunes (68) 288-8637
 - Nelson Correa Monteiro (33) 287-7643
 12- Albert Amand de Berredo Botten-
 tuit (52) 265-3746
 - Carlos Danilo Castelo Branco (58) 242-4515
 - Francisco Morand (44) 225-1904
 - Hélio de Almeida (43) 287-8669
 - José Osorio do Nascimento (48) 287-2185
 13- Antonio Sergio Cordeiro Delgado (60) 288-0573
 14- Ary Figueiredo de Medeiros (66) 357-1134
 15- Alexandre Pinheiro Ninho (66) 294-9020
 - Fernando Wilson Peres (55) 711-6799
 - José Moacyr de Andrade Sobrinho (27) 245-0220
 - Roberto Arnaldo Nudelman (75) 222-5934
 16- Lourival Almeida do Valle (46)
 17- Anna Margarida da Costa Couto e Fonseca (56) 274-7035
 - Jayme Bloch (44) 551-2715
 - Paulo Gentile de Carvalho Mello (44) 259-9566
 18- Carlos Durra (70) 258-6751
 - José Madeira Soares (55) 268-5729
 - Marcio Marques Moreira (55) 551-4017
 - Michel Dib Chacur (47) 225-1713
 19- Edson Goulart Bastos (73) 281-0489
 - João Alberto Bandeira de Mello (55) 259-6459
 20- Alexandre Henriques Leal (32) 227-5429
 - Boruch Milman (49) 240-8050
 21- Theophilo Benedicto Ottoni Netto (44) 393-9496
 22- Herman Glanz (58) 234-9143
 23- Tarciso José Villela (39/40) 551-6565
 24- Geraldo Neiva (34) 268-6468
 25- Julio Xavier Rangel (59) 43-5037 Brasília-DF
 26- José Couri Netto (67) 236-7701
 - Saul Fuks (50) 227-7572
 27- Juvenal Antonio Villela (66) 229-5959
 - Vasco Gomes Moreira (55) 235-6270
 28- Pedro Vieira de Castro (41) 226-1224
 29- Henrique Wainer (59) 275-7419
 - Ivan Camargo da Costa (63) 264-1621
 30- Marisa Vianna Ballariny (52) 551-7308

NOSSO BALANÇO

Por circunstâncias supervenientes, não se tornou possível, como se pretendia, a publicação no presente número do Boletim do resumo do Balanço Anual de nossa Associação, correspondente ao último exercício.

Em nossa próxima edição, entretanto, esse importante trabalho da Tesouraria de sua A³P será devidamente apreciado por todos nossos leitores.

CULTURA FRANCO-BRASILEIRA

A Aliança Francesa está comemorando seu centenário de atividades, no Rio de Janeiro. As comemorações estender-se-ão de setembro deste ano até setembro de 1986, com uma vasta programação cultural. Há cerca de quarenta anos que essa Entidade foi transformada em Associação de Cultura Franco Brasileira. Sua organização deve-se a brasileiros e franceses e interessa-se fundamentalmente pela cultura dos nossos dois países e pelo seu intercâmbio.

Ao longo de todo esse tempo, diversas gerações de estudantes, professores, sócios e dirigentes da Associação de Cultura Franco Brasileira (Aliança Francesa) vêm mantendo suas atividades de intercâmbio e

convivência no trabalho e no lazer através de crescente conhecimento linguístico, no enriquecimento dos bens culturais recíprocos do Brasil e França.

Um dos responsáveis pelo sucesso da Aliança Francesa foi o ilustre professor Carlos Eugene Giroux Tisserandot, lente de Física Industrial da Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Sobre a figura do Prof. Eugene Tisserandot, e de outros mestres franceses falará, no próximo mês de agosto, na programação cultural da Aliança Francesa em seu centenário, o nosso Prof. Mário Barata, que, com seus conhecimentos, contribuirá para o brilho das comemorações.

E... A TRIPULAÇÃO ?

Com o maior entusiasmo, acaba de embarcar e assumir o controle da "nave atrespiana", certa de que nada haverá de faltar para continuar a conduzi-la a seus gloriosos destinos.

DIRETORIA

Durval Coutinho Lobo - Presidente; Nestor de Oliveira Junior - 1º Vice-Presidente; Paulo José Pardal - 2º Vice-Presidente; Paulo Moreira Pinho - Diretor Administrativo; Cleofas Paes de Santiago - Diretor Secretário; Gerhard Vasco Weiss - Diretor 1º Tesoureiro; Henri Uziel - Diretor 2º Tesoureiro; Marconi Nudelman - Diretor Técnico-Cultural; Alcina Koenow Pinheiro - Diretor de Cursos e Luiz Carlos de Almeida - Diretor Social.

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS: Attilio Geraldo Vivacqua, José Mariotte de Lima Rebello e Jayme Kritz

SUPLENTES: Afonso Henriques de Brito, Gilda Maria Teixeira Uflacker e João Pacheco Netto.

CONSELHO DIRETOR

MEMBROS VITALÍCIOS - *ex-presidentes*: Leizer Lerner (Presidente de Honra); Maurício Joppert da Silva (Sócio Benemérito); Antonio José da Costa Nunes (Sócio Benemérito); Hugo Cardoso da Silva e Nestor de Oliveira Junior; SÓCIO BENEMÉRITO: Hélio Mello de Almeida; SÓCIO HONORÁRIOS: Marcos Carneiro de Mendonça e Mário Antonio Barata.

MEMBROS NATOS: Diretor da Escola de Engenharia; Presidente do Clube de Engenharia; Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros e Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia.

MEMBROS ELEITOS: Gregório Vaisberg - Presidente; Alberto Azevedo Ferrão; Alberto do Amaral Ozorio; Antonio Manoel de Siqueira Cavalcanti; Bernardo Griner; Clara Perelberg Steinberg; Darcy Aleixo Derenusson; Eryx Albert Sholl; Fernando Emmanuel Barata; Heloisa Fraenkel; Homero Henrique Rosa Rangel; Izidro Pinto da Rocha Filho; Jacob Steinberg; Jayme Bloch; Joaquim D'Almeida; Léo Fabiano Baur Reis; Marcílio Nolding da Motta; Mari-sa Vianna Ballariny; Matheus Schnaider; Nanto Junqueira Botelho; Octavio Reis de Cantanhede Almeida; Rozólio Guimarães de Azevedo; Samuel Szttyglic; Siegfriedo Rosner Gottschalck; Sophia Machado Portella e Sydney Martins Gomes dos Santos.

ERRATA DA ÚLTIMA FALA DO TRONO

(Boletim nº 87 - Mar/Abr 85)

Pág. 2 - 1a. coluna - 1º parag. linha 21, onde se lê "Canchy" leia-se "Cauchy"; Pág. 3 - 1a. coluna - ítem VII linha 11, onde se lê "afastando -as" leia-se "afastamo-las"; Pág. 3 2a. coluna - ítem I linha 4, onde se lê "Arquitetura" leia-se "Engenharia"; Pág. 6 - 1a. coluna - ítem VII linha 6, onde se lê "Dr." leia-se "D."; Pág. 6 - 2a. coluna - 2º parag. linha 5, onde se lê "precioso" leia-se "preciso"; Pág. 7 - 2a. coluna - 1º parag. "in fine", onde se lê "particular" leia-se "particulares"; Pág. 8 - 1a. coluna - 1º pa-

rag. linha 4, onde se lê "consequencia" leia-se "consequencias"; Pág. 8 1a. coluna - 2º parag. linhas 3/4, onde se lê "ainda" leia-se "nada"; Pág. 8 - 1a. coluna - ítem III linha 10, onde se lê "estatuárias" leia-se "estatutárias"; Pág. 8 - 2a. coluna - 2º parag. linha 8, onde se lê "Galbraitt" leia-se "Galbraith"; Pág. 12 - 1a. coluna - 2º parag. linha 4, onde se lê "tarefa" leia-se "tarefas"; Pág. 12 - Roda pé, onde se lê "Thier - Histoire da Consulat et da l'Empire" leia-se "Thiers - Histoire du Consulat et de l'Empire"



BOLETIM OFICIAL da

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

SEDE ADMINISTRATIVA: Clube de Engenharia - Av. Rio Branco, 124 - 23º andar - Tel.: 222-4598

SEDE SOCIAL: Escola Nacional de Engenharia - Largo de São Francisco - Tel.: 221-2936

Editado sob a responsabilidade da Diretoria - CIRCULAÇÃO INTERNA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



IMPRESSO